

CONTÁGIO PSÍQUICO E CONTROLE SOCIAL

Edgar Menezes de Assis¹

RESUMO: O objetivo do artigo é discutir como o estímulo ao contágio psíquico pode fazer parte do mecanismo de controle político, seja para manter o funcionamento padronizado da sociedade, seja para provocar o transbordamento para um estado de possessão. Em tendências históricas recentes, observa-se que os efeitos desse contágio manipulado, tem produzido fenômenos políticos similares aos movimentos fascistas. Ao refletir sobre o contágio falamos desse eu, que julga e reivindica para si um poder de controle, dirigente e explicativo de si mesmo e do mundo exterior, ainda que esteja longe de ser o senhor absoluto das suas escolhas e decisões. Há, no entanto, outros, como estrangeiros que podem ou não ser reconhecidos pela consciência, funcionando como forças orientadoras que dão sentido às nossas ideias. Os fatores relacionados ao nosso inconsciente, como os afetos e as emoções, indissociáveis de valores e princípios sedimentados em nosso mundo interno, determinam nosso modo de vida ou atitudes, sendo também uma pré-condição para a eficácia de influências externas próprias do mundo moderno e das suas estruturas de poder.

Neste artigo, o contágio psíquico é entendido como um processo dinâmico e contínuo na vida das pessoas e da sociedade, agindo metaforicamente como uma força influenciadora tanto no longo prazo, como em horizontes mais curtos e temporários. Embora o contágio não precise estar sempre associado a algo negativo, a analogia com o contágio biológico, ajuda a entender que suas repercussões podem ser devastadoras para a sociedade na medida em que em sua evolução se manifesta como uma possessão coletiva ou uma epidemia psíquica. Em certa medida, esses fenômenos são também provocados, desejados e necessários para o controle social de uma dada estrutura de poder.

Em linguagem comum quando dizemos que alguém é consciente, em geral nos referimos a pessoas que de acordo com certo padrão coletivo, agem com bom senso

¹ Especialista em Psicologia Junguiana. Mestre em Economia e Analista em Formação pelo CEJAA.

e coerência. Suas atitudes parecem consistentes e dirigidas para determinadas finalidades racionalmente planejadas, lógicas e objetivas. Pode-se dizer que existem atitudes que reconhecemos e adjetivamos pela palavra consciente, mas a condição psíquica de consciência não está a priori associada a ações que sejam sempre boas e positivas. Alternativamente, nossos atos conscientes também podem ser julgados como negativos e mostrar-se voltados para o mal. Portanto, uma coisa é a consciência outra são os seus conteúdos.

O eu como categoria de análise psicológica, é aquele que julga e é julgado. É ele que tende sempre a reivindicar para si um poder de controle, dirigente e explicativo de si mesmo e do mundo exterior. O eu é a consciência que se representa e se reconhece, reivindica controle, intencionalidade e comando das atitudes. No entanto, verificamos que comumente nossas ações parecem revelar outras presenças ou conteúdos psíquicos que não são apenas diferentes, mas colocam-se com frequência em oposição ao nosso eu de tal forma que é possível sugerir certo nível de autonomia desse outro em nós. Isto nos leva à questão de como lidar com eles, qual a sua origem e o que significam.

Observamos que além desse eu que reconhece a si mesmo, e delimita o que é ou não consciente, julga o que parece bom e racional, existe também a possibilidade de reconhecer outros que aparecem como estrangeiros, ou seja, como manifestação ou personificação de nossos afetos e emoções. Mesmo todo um sistema de valores e crenças, que configuram as nossas escolhas e decisões, parece um programa que funciona de modo independente do nosso esforço consciente, de tal forma que podemos nos perguntar se afinal, é possível dizer quem ou o que age em nós. Escolhas aparentemente objetivas e impessoais são facilmente perturbadas por pensamentos, sensações e afetos inesperados. Pode-se tentar ignorar ou rejeitar esses estranhos, no entanto, a psicologia analítica sugere que o mais sensato seria ficar desconfiado da influência deles em nossas atitudes.

Somos tendencialmente programados por um processo de contágio permanente ao longo da nossa vida, através da educação, da família, dos meios de comunicação e de um modo geral por todos os dispositivos que cumprem a função de aparelhos ideológicos de estado como proposto por Althusser (1985). Podemos conviver de modo mais ou menos reflexivo em relação a esse processo, portanto, ter algum nível de elaboração sobre essas influências externas produzidas dentro da formação social que estamos inseridos. O contágio é um processo dinâmico e

inevitável da realidade de qualquer sociedade e pode ter um caráter negativo se promove massificação ou positivo se conduz para sociabilidades mais favoráveis ao desenvolvimento humano e social.

A questão que pode ser colocada aqui refere-se ao espaço de operação da vontade, da intenção ou em outras palavras qual seria o grau de liberdade do nosso eu. É possível constatar que a atitude está sujeita ao contágio como pode expressar também inclinações internas, uma influência que vem de dentro, uma condensação de experiências, lições de vida, soluções de problemas típicos dos dramas humanos que são uma espécie de herança transpessoal e estão guardadas no nível inconsciente, Jung (2013, §633) explora o sentido da palavra espírito para resumir esse agente que se manifesta de modo muito característico através de sentenças, ideais, princípios ou ideias-mestras.

O ponto que é fundamental chamar atenção é o fato de que um sistema de ideias isoladamente não determina o agir no mundo. Toda ideia para ser importante na vida, precisa de algo que a vivifique e a encha de um sentido orientador. Em outras palavras, qualquer ideia com eficácia na vida sempre vem acompanhada com afetos e emoções que lhe correspondem mesmo quando parece que não estão presentes. Observamos experiências de pessoas que se mostram ao mesmo tempo inspiradas e conduzidas por um sentido radical e profundo, sugerindo a autonomia de um modo de viver que pode escandalizar a própria consciência. “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim [...]” (Carta aos Gálatas, cap.2, v.20, 1990). “[...] Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como lixo, [...]” (Carta aos Filipenses, cap. 3, v.8,1990).

No limite estamos falando de uma vida vivida de forma independente do nosso eu, mas ao mesmo tempo é um eu que pode participar e se entregar a inspiração de um projeto, de um guia, de uma ideologia, ou seja, tem consciência de interagir com esse “espírito” e de vivê-lo na sua vida, inclusive de forma heróica. O risco que se corre com esse modo de viver pode ser alto, inclusive o de levar à própria aniquilação física.

Uma questão muito importante aqui é o que difere, por exemplo, o cristão das primeiras comunidades eclesiais, que entregou sua vida pelos ideais do Reino de Deus com praticantes de alguma outra seita. Esses podem, em algum momento, chamar um genocídio de heroísmo ou um suicídio coletivo de martírio. Para os dois tipos existe uma verdade que se impõe, um espírito com poder de subjugar o eu. As

verdades de cada modo de viver criam mundos paralelos e contraditórios. O mesmo conjunto de fatos e situações podem existir com uma narrativa e no limite existir como o inverso dela.

O que pode ser designado como o real e a versão do real se misturam de uma forma que um eu massificado não pode mais distinguir, elaborar, reconhecer ou refletir sobre esses afetos e “espíritos”, portanto, conduzido de forma mais inconsciente, estaremos em geral mais vulneráveis a projetos de morte e destruição da própria vida. O real pensado como consensos coletivos partilhados a partir de determinados padrões parece muito mais fraco do que gostaríamos de aceitar e é exatamente o que constatamos ao identificar vários aspectos distópicos da nossa contemporaneidade, em especial o reerguimento do fascismo e o fortalecimento político da extrema-direita.

Mesmo problemas bem encaminhados pelo consenso científico e que apontam para uma crise existencial global, como é o caso da crise climática e ambiental de um modo geral, pode ser desconstruído e sensibilizar uma parcela pequena da população de muitos países. Da mesma forma, estatísticas de problemas sociais e estruturais graves convivem com o modo de produção capitalista a muito tempo sem que isso promova uma reflexão mais profunda da população sobre essas contradições. Parece claramente existir interesses de que nossos consensos coletivos partilhados estejam sempre vulneráveis a contágios com viés de massificação e alienação.

Nossas atitudes revelam nossa visão de mundo ou conforme termo usado por Jung (2013, §689-690), revelam a cosmovisão que nos orienta. Individualmente podemos ser movidos por uma cosmovisão marcada por contínuas possibilidades de aprofundamento e ampliação da consciência ou ficar dirigidos por uma cosmovisão mais inconsciente. Quanto mais rígido e unilateral for o nosso ego² maior será a nossa vulnerabilidade em relação às dinâmicas inconscientes e as ondas de contágio. “Mesmo para não pessimistas, nossa vida parece mais uma guerra do que qualquer outra coisa” (JUNG, 2013, §693).

A hegemonia do modo de produção capitalista, deve muito a todo o seu sistema ideológico, o poder econômico compra poder político e controla a influência de pensamentos alternativos. Através dos aparelhos ideológicos, a visão de mundo que legitima uma classe dominante atua ao mesmo tempo na conformação, no

² Sentimento da subjetividade ou da egoicidade, manifestada ainda na infância, no momento em que a criança começa a falar de si na primeira pessoa. É o estágio do desenvolvimento humano no qual tem início a continuidade da memória e avança para um complexo do eu desenvolvido (JUNG, §755-758).

apagamento, na incapacitação, sempre inibindo o movimento criativo, que poderia apontar para um outro sistema. O chamado neoliberalismo tem sido bem-sucedido em legitimar injustiças sociais, inclusive para as classes mais exploradas e precarizadas.

Em um sentido mais amplo, esse movimento permanente de reprodução ideológica cumpre uma função de contágio voltado para a manutenção da ordem. Em termos junguianos seriam como fábricas de ideais e sentenças (JUNG, 2013, §630), ou seja, criadores de verdades que exercem uma influência externa orientadora das nossas ações, agem muitas vezes como um outro com propósitos não coincidentes com nossa vontade ou intencionalidade.

A máquina capitalista é em boa medida, gestora deste contágio social e pode promover uma ampla contaminação psíquica. É como uma arma de guerra contra toda ou parte da sociedade. Seu efeito mais grave é de poder rebaixar a consciência e lançá-la em um estado de possessão de caráter epidêmico. Como consequência política, observamos várias possibilidades de desagregação social, associada com o aumento de antagonismos virulentos e com a possibilidade de uma guinada autoritária.

Observa-se nesse contexto que um pequeno grupo de privilegiados, opera seus interesses de forma ainda mais agressiva e perversa em detrimento dos interesses da coletividade. Fica evidente também um processo de ampla degeneração do consenso liberal, definido como Estado de direito, que parece mais profundamente capturado por movimentos fundamentalistas, sectários e conservadores, promotores de uma espécie de revolução reacionária. "Se o Estado de Direito sucumbe, por exemplo, a um acesso de fraqueza, a massa pode esmagar a compreensão e reflexão ainda presentes em indivíduos isolados, levando fatalmente uma tirania autoritária e doutrinária." (JUNG, 2013c, §489)

Quem sou eu e quem são os "senhores" que se apresentam para nos conduzir é a reflexão que se coloca de forma incontornável para entender o nosso agir no mundo. Esse outro foi explorado por Jung através do conceito de espírito que etimologicamente nos remete a imagem³ de um afeto personificado, como se emoções conduzissem o eu para longe de um certo padrão de comportamento

³ "Da mesma forma como o ato de ver, ouvir, etc., gera uma imagem reflexa de si própria, a qual, quando relacionada com o eu, produz uma consciência da atividade em questão, assim também o eu, como já disse anteriormente, pode ser entendido como a imagem ou reflexo de todas as atividades por ele compreendidas" (JUNG, 2013, §616). Por extrapolação, Jung pressupõe que qualquer atividade psíquica produziria uma imagem reflexa de si mesma.

esperado. Além disso, a ideia fundamental de um espírito que se apossa, conduz, age está basicamente preservada quando queremos falar de “todo um modo de pensar e sentir” (JUNG, 2013, §630). Parece que o eu está se posicionando, porém, reflete o efeito do contágio, produzido por influências do ambiente e exemplos.

“Psicologicamente diríamos que todo afeto tende a se tornar um complexo autônomo [...] se desligar da hierarquia da consciência e, se possível, arrastar o eu atrás de si”. Como um estranho, uma força invisível, que pode “arrebatar por afirmações imprudentes” (JUNG, 2013, § 628).

Repare, no entanto, que o processo de contágio pode ser constituído tanto por coisas tóxicas e negativas, como outras boas e positivas, impactando a sociedade com diferentes níveis de intensidade, de forma mais perene ou transitória. A educação institucionalizada é um exemplo do que deveria funcionar como um contágio positivo com efeitos no longo prazo, contribuindo com a jornada de desenvolvimento das pessoas e de toda a sociedade. Esse potencial agente criador de ideais e sentenças, provocaria determinadas atitudes e comportamentos, ou seja, apoderaria-se dos homens como ‘espíritos bons’ (JUNG, 2013, §632) e os conduziriam, por exemplo, para tipos de sociabilidades mais justas e democráticas.

Líderes e ídolos que se deseja imitar e reverenciar são também personificações de modos de pensar e agir que funcionam dentro de certo contexto histórico como uma espécie de princípio orientador para o bem ou para o mal. Articulados com os aparelhos ideológicos, tais líderes funcionam como defensores especializados dos seus sistemas ideológicos, inclinados para impor seus interesses, razões e privilégios com a força do poder político e econômico. “Na verdade, o Estado representa uma camuflagem para todos os indivíduos que sabem manipulá-lo.” (JUNG, 2013c, §504).

A ordem neoliberal, enquanto ordem hegemônica, funciona como um espírito de morte, no sentido de levar a destruição da vida em várias dimensões. Produzindo, conforme momento histórico, uma atmosfera de aceleração do contágio com vistas a inflação do ódio, da violência, de divisões e antagonismos sociais, equivale a um envenenamento ou uma intoxicação de grande alcance nas relações sociais. Isto coloca a questão do porquê não conseguimos reagir com os meios necessários para superar uma ordem que ameaça a vida em sentido amplo.

Fazendo uma breve referência a FOUCAULT (2013) e TORRES (2020), temos um caminho para refletir sobre essa apatia, entrando na problemática que discute a relação entre contágio e o corpo. No âmbito da evolução de uma sociedade capitalista,

o corpo precisou ser completamente disciplinado para os padrões e valores desse novo modo de produção, em outras palavras foi necessário submetê-lo a um rebaixamento de consciência, produzindo uma sociedade conformada e silenciada. Portanto, um estado de massa que se impõe sobre o “risco” das multidões ou aglomerações. A complexa comunicação propiciada pela presença física e a criação de vínculos não é apenas um fator potencial para o contágio mas também apresenta um elemento transgressor e criativo que pode colocar em ação uma força coletiva de transformação.

Não faltam ideais alternativas, identificadas, por exemplo, com a luta por mais justiça social, democracia e melhor distribuição de renda, porém, permanece a questão se e como o espírito que move essas transformações, conseguirá diminuir as tragédias produzidas por tantos sofrimentos sociais e evitar também o desastre global. Embora nossa jornada esteja cercada de incertezas, desarmar os dispositivos de massificação parece um caminho óbvio e inevitável.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.
- CARTA aos Gálatas. In: **BÍBLIA Sagrada**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990
- EVANGELHO Segundo São João. In: **BÍBLIA Sagrada**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- JUNG, C. G. *Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2008
- _____. *Espírito e Vida*. In: JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. *As Etapas da vida humana*. In: JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- _____. **Presente e Futuro**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.
- _____. *Psicologia Analítica e Cosmovisão*. In: JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2013d.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. In: FOUCAULT, Michel. **O Panoptismo**. Petrópolis: Vozes, 2013. Cap. III, p. 186-214.
- TORRES, Leonardo de Souza Aloi. *Contágio psíquico na mídia eletrônica*. In: TORRES, Leonardo de Souza Aloi. **Massa, Corpo e Mídia: o contágio do corpo e a desconstrução da ideia moderna de corpo**. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Paulista. São Paulo: 2020. Cap. 3. P.92-114. Disponível em:<
<https://repositorio.unip.br/dissertacoes-teses-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/contagio-psiquico-na-midia-eletronica/#:~:text=A%20hip%C3%B3tese%20central%20confirmou%20que,comportamentos%20culturais%2C%20sociais%20e%20midi%C3%A1ticos>>. Acesso em 30 jan. 2023.